



TEILHARD DE CHARDIN: O PROCESSO CRIATIVO DIVINO (CRIACIONISMO) E A TEORIA DA EVOLUÇÃO

TEILHARD DE CHARDIN: THE DIVINE CREATIVE PROCESS (CREATIONISM) AND THE THEORY OF EVOLUTION

CETRULO NETO, Francisco¹

RESUMO

O artigo tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica em torno do pensamento de Teilhard de Chardin em relação ao processo criativo. A novidade de seu pensamento se pauta pela criação como um processo que ainda não teve fim. Deste modo o processo criativo é ininterrupto ao longo da história da humanidade. Mais que isso, o processo pressupõe, ainda, novos saltos evolutivos na criação do ser humano. Todo esse processo é iniciado e conduzido por Cristo, o alfa e o ômega da criação. A teoria chardiniana tem sido retomada atualmente pelos estudiosos do transhumanismo desta forma seu ressurgimento como teoria nos faz perceber a importância de retomar esse estudo.

Palavras-chave: Criacionismo. Teilhard de Chardin. Cosmogênese. Cristogênese.

ABSTRACT

The article aims to make a bibliographical review around the thought of Teilhard de Chardin in relation to the creative process. The novelty of his thought is based on creation as a process that has not yet ended. In this way the creative process is uninterrupted throughout the history of humanity. More than this, the process also presupposes new evolutionary leaps in the creation of the human being. This whole process is initiated and led by Christ, the alpha and the omega of creation. Chardinian theory has now been taken up by scholars of transhumanism in this way its resurgence as theory makes us realize the importance of resuming this study.

Keywords: Creationism. Teilhard de Chardin. Cosmogogenesis. Cristogênese.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UNESP - Araraquara. Graduado em Teologia - Claretiano. E-mail: franciscocetrulo@hotmail.com, CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2323760577186485>.



Introdução

Até a chegada do iluminismo, com o racionalismo, empirismo, positivismo ou o materialismo dialético, cada qual com seu modo de ver o mundo, reinava no imaginário social e entre os pensadores a concepção religiosa do criacionismo. Ou seja, acreditava-se que o mundo tivesse sido criado tal qual se encontra descrito no capítulo primeiro do livro de Gênesis.

Até o século XVIII, as ideias dominantes na Europa eram as de que os seres vivos tinham sido criados tal como os conhecemos hoje: eram imutáveis. Estas ideias, conhecidas como “fixismo criacionista”, baseavam-se nas crenças judaico-cristãs do Gênesis, segundo o qual o mundo, e tudo no que ele existe, foi criado em seis dias e teria uma idade de apenas 6000 anos. Deus teria criado as espécies tal e qual como elas são hoje. (NORIEGA, R.M. p.6).

Fazia-se uma leitura literal da história da criação compreendendo-a exatamente como estava descrita nos primeiros versículos do livro sagrado. Com a perda da hegemonia da igreja, (no sentido de ditar o conhecimento) causada pelo renascimento que fez emergir uma série de pensadores autônomos e críticos do mundo que os cercava, surgem novas teorias com relação ao mundo como, por exemplo, o heliocentrismo (Galileu e Copérnico) que passam a contrariar o pensamento cristalizado reproduzido pela igreja e espreado pelo conjunto da sociedade.

Não foi um momento fácil. A Igreja tentava de todas as formas manter o seu pensamento único como sendo a verdade o que causava diversos embates que culminaram na inquisição; meio encontrado pela Igreja para eliminar os hereges e manter pura a fé eclesial.

A teologia de Teilhard de Chardin, pela sua condição de paleontólogo e teólogo, ainda que lhe rendesse críticas de ambos os lados no tempo de sua formulação, nos dá uma visão que concilia a ação divina na história com a visão da

ciência quando esta formula a teoria da evolução. Por ser fundamentada numa leitura contextualizada da Bíblia a visão teilhardina oferece à Igreja uma percepção nova de como Deus age na história. Nosso objetivo, neste artigo, é fazer uma incursão nos escritos de Teilhard, principalmente no livro *O fenômeno Humano* identificando os principais aspectos do pensar do teólogo quanto à origem, evolução e destino do ser humano.

A teoria/teologia da criação bíblica (criacionismo)

A percepção que prevaleceu por séculos sobre como se deu o processo de criação do mundo foi a teologia da criação. Os teólogos, até o renascimento, discutiram sempre como Deus teria criado o mundo, mas jamais colocaram em questão o protagonismo divino nesse ato. Santo Agostinho, para citar um exemplo, afirmava que Deus, ao criar todas as coisas existentes “Não as gerou de si mesmo para serem o que Ele é, mas as fez do nada, para não serem iguais nem sequer a Ele pelo que foram feitas” (AGOSTINHO, S. apud COSTA. M.R.N; BRANDÃO, R.E. p. 8).

O que se destaca nesta linha de argumentação é o fato de a Teologia da Criação, no interior das Igrejas (vez que o protestantismo não divergiu neste ponto do catolicismo) pautar-se sempre por um ponto de partida comum e dogmático: a criação como ato divino, tal qual foi relatada no primeiro livro da Bíblia: “E formou o Senhor o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida e o homem foi feito alma vivente” (Gn. 2.7).

A Igreja opõe uma resistência aberta contra estas “especulações filosóficas”, porque contradizem flagrantemente a narração da criação e outros dogmas da Bíblia. Não será portando de se estranhar que as teorias evolucionistas, que buscavam base no empirismo e num estudo a partir da observação, da biologia, da arqueologia e outras ciências tivessem forte rejeição por



parte da religião.

As igrejas, e especialmente o setor mais conservador que permeia o interior das diversas denominações, tomaram uma posição firme no combate às ideias “heréticas” que chegavam dos cientistas.

As ideias deste setor (conservador) têm sua base em conceitos fundamentalista, como uma interpretação literal da Bíblia em geral, e do Gênesis em particular (sobretudo no que se refere à criação do homem) e uma recusa sistemática e *a priori* da ciência e de tudo o que possa ser visto como uma interferência nos desígnios de Deus e o lugar primordial do homem como criação suprema (RODRIGES CASO, J. M. p. 09).

Deste modo houve uma cruzada contra a teoria da evolução no interior das igrejas e das escolas visando proteger a pureza da fé religiosa contra as heresias vindas do campo científico. A disputa está longe de terminar, como atesta Hugo Mangueira (2009), em artigo de 2009.

A teoria da evolução darwiniana

Alguns pensadores foram precursores, em relação a Darwin, no sentido de fazer uma incursão na teoria da evolução das espécies. Darwin seguiu o caminho desses precursores e sistematizou o pensamento a esse respeito.

A hipótese de evolução biológica não foi proposta pela primeira vez por Charles Darwin (1809-1882) em 1859 com a publicação de seu clássico livro “A origem das espécies”. Pensadores do século XVIII como conde de Buffon (1707-1788) e Erasmus Darwin (1731-1802) já haviam sugerido a existência de mudança biológica ao longo do tempo (MAYR, E. apud GLÓRIA, P. J. T. p. 01).

Antes ainda de Darwin, um outro pensador importante nesse campo foi Lamarck. Ele, de fato, sistematizou uma teoria da evolução, a partir de pensamentos já existentes, configurando a transformação dos seres ao longo do tempo, sem, contudo, determinar os mecanismos que geram essa mudança.

Essa sistematização ocorreu somente com Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) na sua clássica publicação “Philosophie zoologique” em 1809. Baseado em parte no legado de seus predecessores, Lamarck defendia categoricamente que organismos se transformavam ao longo do tempo. (...)A ideia Lamarckiana de progresso é oriunda do conceito grego da “grande cadeia dos seres”, o qual estabelece uma ordem crescente de complexidade entre os seres. Lamarck, no entanto, transformou essa ideia de um conceito estático para uma linha temporal de descendência biológica. (GLORIA. P.J.T. p. 01).

Darwin dá sequência a esse percurso em direção a criação de uma teoria da evolução. Cinquenta anos após a publicação de Lamarck surge a obra “A evolução das espécies” na qual Darwin detalha como se dá a evolução biológica das espécies e o processo de seleção natural em que sobrevivem os mais aptos de cada espécie havendo, dessa maneira, um salto evolutivo a cada espaço de tempo.

Em 1859, após mais de 20 anos de estudo, publicou a sua teoria A Origem das Espécies através da Seleção (sic) Natural. O seu livro provocou uma grande controvérsia na comunidade científica e religiosa, pois a sua teoria da evolução desafiava radicalmente a teoria criacionista, e provocou uma enorme revolução no pensamento humano (NORIEGA, R.M. p. 6).

A principal percepção de Darwin é justamente a seleção natural e a adaptação das espécies a novas etapas do processo evolutivo. Haveria uma competição dentro de uma espécie de modo que sobreviveriam os que tivessem características genéticas, físicas e capacidades adaptativas mais afinadas.

Por um lado, existe variação transmissível das características dos indivíduos de uma população. Por outro, nem todos os indivíduos têm as mesmas características e algumas são melhores do que outras para aproveitar os recursos do ambiente em que vivem esses indivíduos. Isto gera uma capacidade reprodutiva diferencial, isto é, os



indivíduos com as características que permitam uma melhor adaptação são os que terão maiores possibilidades de sobrevivência e reprodução. Assim, produz-se uma competição entre os indivíduos pelos recursos e os que tiverem melhores características transmitem-nas à geração seguinte com mais sucesso do que aqueles que não as tenham. A nova geração herda as características adaptativas e, com o passar do tempo, se se mantiverem as pressões selectivas (sic) e a acumulação de características adaptativas entre gerações, acaba por ocorrer especiação (NORIEGA, R.M. p. 10).

No novo estágio parte-se de onde o conjunto de seres sobreviventes chegou no processo evolutivo. Dessa forma, de salto em salto, a natureza se renova sempre num novo patamar evolutivo, vez que a cada etapa os mais aptos que sobreviveram dão início a uma nova fase num patamar mais elevado.

Acreditar, como acredito, que o homem, num futuro distante, será uma criatura muito mais perfeita do que agora é um pensamento intolerável que significa que ele e todos os outros seres sensíveis estão condenados ao aniquilamento total depois desse lento progresso de longa duração. Para aqueles que admitem plenamente a mortalidade da alma humana, a destruição de nosso mundo não parecerá tão terrível. (DARWIN, C. apud STRATHERN, P. p. 36).

Diferença marcante em relação à expectativa de futuro numa comparação com Teilhard de Chardin. Este último, como veremos nos capítulos seguintes tem uma visão otimista do futuro e, principalmente, em relação ao desenvolvimento (evolução) humano. Teilhard aposta num novo salto evolutivo que levará o ser humano a um novo estágio evolutivo em que o mesmo dará um salto no amor aprendendo a viver em comunidade e solidariedade.

A teoria de Teilhard de Chardin: Deus e o processo criativo contínuo

O pensamento de Teilhard de Chardin quanto ao surgimento do Cosmo é resumido por ele mesmo na palavra Cosmogênese,

Vol. 13, Edição 20, Ano 2018.

pela qual entende-se "o universo concebido como um sistema animado por um movimento orientado e convergente" (CUENOT, C. p. 264) ou ainda melhor definido na expressão Visão em Cosmogênese, que significa a

[...] concepção de um universo orgânico e convergente em que qualquer elemento, ou acontecimento, apenas podem aparecer por nascimento, isto é, em ligação com o desenvolvimento do conjunto, e em que o tecido do mundo se enrola sobre si mesmo a volta de um centro chamado Ômega (CUENOT, C. 1966, p. 265).

Esse movimento começa antes da vida, ou seja, na pré vida. Ai só existia matéria elementar, por ele chamada de "o estofado do Universo" (resíduo último das análises cada vez mais aprofundadas da Ciência). A quantidade dessa matéria é enorme e já se nota uma unidade entre elas, proveniente da semelhança dos elementos encontrados. Essa unidade é provocada por uma energia de conjunto.

Para cada progresso de ordem psíquica, ou energia espiritual, corresponde necessariamente a uma organização da matéria, em termos de centração e unificação. Aqui é necessário também que identifiquemos o dentro e o fora das coisas. Cada progresso no exterior (centração) correspondera infalivelmente a um progresso interior (de ordem psíquica).

Ora eis que, num dado momento, mais tarde depois de um período suficientemente longo, começam certamente a formigar aqui e ali, nestas mesmas águas, seres minúsculos. E deste pulular inicial saiu a espantosa massa de matéria organizada cujo feltro complexo constitui hoje o último (ou melhor o penúltimo), na ordem do tempo, dos invólucros do nosso planeta: a Biosfera (CHARDIN, T. 1970, p. 33).

Teilhard descreve com linguagem quase poética o processo evolutivo que dá origem a formas de vida cada vez mais elevadas. Cada passagem ou progresso evolutivo que requer, necessariamente, um longo período de ensaios e preparativos.



Teilhard mesmo diz que “sem um longo período de maturação, nenhuma mudança pode produzir-se na natureza. Em compensação, urna vez suposto tal período, e fatal que algo de inteiramente novo se produza” (CHARDIN, T. 1970, p. 72).

O processo continua lenta, mas ininterruptamente. O progresso evolutivo orienta-se no sentido da aparição do homem; passando pelos insetos, mamíferos até chegar aos antropoides: gorila, chimpanzé, orango e gibão. Esta impaciência da vida, em procurar sempre outras formas para se exprimir mais lucidamente aproxima-se do seu resultado. A linhagem, que iria terminar no homem, não se mostrava satisfeita com a sua condição, um obscuro mal-estar a inquietava. Essa inquietação leva-a, através dos tentesios a procurar uma nova forma, e especialmente nos primatas a evolução trabalha no sentido do cérebro (Conf. CHARDIN, T. 1970, p. 72-75).

É assim, depois de um longo período de tentesios e maturação, surge a Noosfera (esfera do pensamento) e a vida humana. Para chegar a esse ponto houve a geogênese, passando pela biogênese e pela psicogênese, e só então, chegar a Noogênese. Este momento foi “quando, pela primeira vez, num ser vivo, o instinto se avistou no espelho de si próprio [nesse instante] o mundo: inteiro deu um passo” (CHARDIN, T. 1970, p.110-111).

Este processo se realiza através de etapas sucessivas: primeiro partículas de matéria se unem para formar unidades sempre mais complexas, até a vida desabrochar sobre a terra. Dentro da biosfera (ou esfera das realidades viventes) o processo de complexificação continua até o homem aparecer e, com ele a Noosfera. (ou esfera do pensamento). (JERKOVIC, J, 1968, p. 21).

De salto em salto a natureza vai se aperfeiçoando para dar origem ao ser humano. Com ele surge sobre a face da terra a reflexão, e é justamente a reflexão que o diferencia dos outros animais. Não só pelo fato de saber, mas principalmente

porque sabe que sabe. É nesse sentido que Teilhard diz: "Nele (no homem) e pela primeira vez a face da terra, a consciência debruçou-se sobre si mesma até se tornar pensamento". (apud TRESMONTANT, C. 1965, p. 31). Nele, no seu surgimento, se dá a passagem da simples consciência para a reflexão. Teilhard nos diz que...

[...] a reflexão, como a própria palavra indica é o poder adquirido por uma consciência, de se dobrar sobre si mesma e de tomar posse de si mesma como um objeto dotado de sua própria consistência e do seu próprio valor, já não só conhecer, mas conhecer-se a si próprio; já não só saber, mas saber que sabe (CHARDIN, T. apud TRESMONTANT, C. p. 70).

Por causa dessa capacidade que o homem possui há uma barreira entre ele e o animal que este não pode transpor "porque somos reflexivos, não somos apenas diferentes, mas outros. Não é já uma simples mudança de grau - mas mudança de natureza - que resulta de uma mudança de estado" (CHARDIN, T. 1970, p. 169).

Se o seu pensamento se resumisse nessa citação acima ele não seria nada além de mais um evolucionista. Mas, ele vai além, afirmando a participação e a ação de Deus neste processo evolutivo e, inclusive o caminhar da história para o ponto Ômega. Não somente isso. Ele afirma também que o próprio processo é de autoria de Deus e a forma que Ele mesmo escolhe para agir criativamente.

A totalidade do processo se move para maior interiorização, para maior consciência, para maior união no amor. Esta tendência se encontra desde o átomo até o homem, desde o feixe de átomos na molécula até a concentração dos homens numa comunidade universal. Tudo isso se efetua através da ação do Ômega, ou Cristo, em cada ponto desse caminho no centro do átomo, e no centro da pessoa humana levando cada um para uma maior união que interioriza, individualiza e, assim, conduz para novas possibilidades: para uma última hominização e cristificação do Cosmo. Destarte, o processo da evolução é visto como uma cristogênese, isto é, como um vir a ser de Cristo (JERKOVICH, J. 1968,



p. 21).

Teilhard faz um casamento perfeito da teoria da evolução com a narração bíblica da criação. Deus não para de criar. Todo o processo evolutivo está nas mãos de Deus. Ele é o senhor da história. Nesta citação Jerkovich sintetiza o pensamento teilhardiano vez que em sua concepção a gênese é fruto da ação divina do Cristo (o ponto Ômega) para o qual todo o processo criativo virá a convergir. A criação, portanto é o processo histórico que vai desde o início do universo até a convergência final de tudo e de todos em Cristo.

O processo ainda não findou: “à nossa volta, no mundo não haveria então homens multiplicando-se, mas homens em formação. O homem, por outras palavras, não está ainda zoológicamente adulto. Psicologicamente ainda não disse a última palavra” (CHARDIN, T. 1970, p.142). Em outras palavras, estamos imersos em um longo e contínuo processo de evolução.

A vida hominiza-se. Este fenômeno de hominização assevera-se notabilíssimo. O animal sabe, mas não sabe que sabe. O homem sabe que sabe, ao ponto de se ter tornado capaz de tomar o seu próprio pensamento como objeto de reflexão. Para falar a verdade, isso não se deu de uma só vez: o homem foi primeiramente *faber* (fabricante de utensílios), depois *sapiens* (capaz de refletir sobre o sentido religioso do destino, de criar obras de arte, e de tomar como objeto a própria reflexão), mas ao fim e ao cabo, o pensamento espalhou-se por toda a terra, e o fenômeno humano estende-se pela terra inteira (CUENOT, C. 1966, p.93).

Portanto, o processo de hominização que ainda hoje se faz notar e que levará o homem a convergir, atraído pelo cimo, o pináculo de personalização e de unificação, o ponto ômega, que está a agir em todo o processo da criação, exercendo sobre os seres e as consciências, uma atração.

Teilhard não concebe uma criação instantânea; um mundo estático, onde o Criador (causa eficiente) fica, de qualquer

Vol. 13, Edição 20, Ano 2018.

modo, estruturalmente desliga do de sua obra. Mas ele crê no Universo, não como Cosmo, mas como uma cosmogênese, num mundo de natureza evolutiva, onde o Criador não é mais concebível, senão na medida em que, como uma espécie da causa "formal" coincidindo (sem se confundir) com o centro de convergência da Cosmogênese (Conf. ARCHANJO, J.L. 1978, p. 200).

Deus, portanto, não é um Deus imanente², nem um Deus ex-machina³ é um Deus que continua fazendo a sua obra criativa ao longo dos milênios que a seus olhos são minutos. Temos, neste momento que ressaltar a posição de Teilhard de Chardin quanto à transcendência do ponto ômega; como condição de coerência de toda a sua visão do universo. Para que possa ser o centro de convergência do universo, o Ômega tem que necessariamente, estar à frente. Se ele não se apresentasse como transcendente teria que se apresentar como imanente, e neste caso dependeria também ele da evolução. O que não é real. E podemos dizer que chegar a esse ponto seria heresia (Conf. CHARDIN, T. 1970, p.350).

Teilhard não concebe o mundo e o homem como uma obra acabada, colocando-os, vale repetir, em termos de gênese que se constrói na temporalidade evolutiva, contrariando a ideia tradicional da criação em seis dias, expressão de escritores de uma época em que não se supunha o conteúdo da ciência e da visão científica atual; mas pessoas que simplesmente queriam afirmar sua "fé" no único Deus criador, utilizando-se da mitologia para escrever a história da criação. Não é assim que se coloca esta questão hoje em dia, e a ciência não se satisfaz com esta imagem. Se bem que a intenção do escritor bíblico não era

² Teoria que afirma que Deus se encontra presente em todas as coisas e seres.

³ Teoria que afirma que Deus, uma vez tendo criado o mundo dele se desliga totalmente, deixando-o à sua própria sorte.



satisfazer o pensamento crítico e científico que temos hoje em dia.

O que Teilhard pretende, em primeiro lugar, e, baseado na ciência, afirmar o mundo como uma evolução em gênese constante, para, em seguida, afirmar que todo esse processo evolutivo desde o seu princípio até a sua culminância é obra do Verbo encarnado, presente no início e no fim da criação assumindo, ao mesmo tempo, as funções criadoras e motrizes de consistência, consolidação, de centro e cabeça, de flexa e meta final.

O Cosmo é representado como um grande organismo, abrangendo todas as coisas, crescendo sempre para formas mais elevadas de ser e de vida. A ação de Deus vem aí representada como a fonte permanente e profunda da vida cósmica, levando e animando a ação interior própria do cosmo. Isso quer dizer que a criação e a fonte permanente e profunda que alimenta incansavelmente o desenvolvimento próprio do cosmo, sem, no entanto, deixar de ser, tanto a evolução como a criação obra de Deus.

Deve-se considerar também que o processo evolutivo não é feito de uma história linear e sem percalços. Pelo contrário há momentos de avanços e retrocessos, dada a própria natureza humana que é portadora do livre arbítrio e, portanto, tem em suas mãos a capacidade de dar orientação ao seu próprio destino.

Se observarmos a marcha do mundo deste ponto de vista, que é o ponto de vista não dos seus progressos, mas dos seus riscos, e do esforço que ela requer [...] se nos patenteia um tipo particular de cosmo onde o Mal (não por acidente - o que seria pouco - mas pela própria estrutura do sistema) surge necessariamente [...] universo que se enrola, Universo que se interioriza: mas também, do mesmo passo, Universo que lida, Universo que peca, Universo que sofre (CHARDIN, T. 1970, p. 347).

A perspectiva que Teilhard substitui a ideia de uma criação instantânea para um processo evolutivo lhe dá argumento para

Vol. 13, Edição 20, Ano 2018.

um princípio de resposta ao problema do mal. Afirmando que o mal, sob diversas formas, em certo sentido, é um fenômeno acessório inevitável da ascensão evolutiva, em certo sentido ele oferece o resgate que ela exige. Tateando e lutando, devem as pessoas procurar o caminho, para sair da multiplicidade e da desagregação e chegar à unidade harmoniosa final. Enquanto a unidade não se realiza e as forças divergentes entram em conflito, há passos em falso, desordem, malícia, mal. O mal se revela ao nível da matéria inanimada como uma desarmonia, ao nível da vida como um momento, ao nível da liberdade humana como um pecado (Conf. SMULDERS, P. p. 172). Como percebemos no processo de unificação, ou seja, de sair da multiplicidade para se chegar à unidade, o mal surge necessariamente para ser superado pelo ser humano no processo de autocriação de si mesmo, ou seja, de hominização.

Para Martinazzo, E. (1968, p. 139) o mal assume, no pensamento de Teilhard de Chardin, o significado de uma obstrução.

Obstrução essa que, de modo e em grau diversos, pode manifestar-se em todos os planos da evolução: assim, de confusão, desordem e decomposição de elementos, passaria a ser dor, privação e morte, para, num nível superior, revestir-se das formas de solidão, frustração, angústia, malícia e pecado.

Para Teilhard o mal está estruturalmente imbricado com a história da evolução como uma força contrária que se contrapõe ao processo de hominização e dificulta o processo de modo que podem haver retrocessos.

O mérito de Teilhard é o de nos mostrar, em toda a sua obra, que o revés, a morte, o mal, são fisicamente inevitáveis, e isto simplesmente porque a criação é temporal, evolutiva, e que procede às apalpadelas, por grandes números, por reveses sucessivamente corrigidos, por ensaios e erros retificados. Imaginar uma criação sem reveses, sem mal, sem pecado é, portanto, pura utopia, puro



verbalismo. A criação não é instantânea. Deus não pode comunicar instantaneamente a sua perfeição à criatura que fez progressivamente emergir do nada (TRESMONTANT, C. p. 141-142).

Deus sabia que ao criar teria que se defrontar com as forças do mal, e seu plano já estaria traçado. Até mesmo a encarnação. Tudo, no entanto, tem o objetivo de unir, no princípio partículas de matéria, mais adiante os primeiros seres vivos, e ainda hoje continua essa busca da união em termos, agora de pensamento. Teilhard dá uma mensagem ao mundo moderno: Que todos trabalhem para a edificação de uma humanidade onde só reinem o amor e a *paz*. Para ele esta é a única saída que o mundo poderia ter. A saída coletiva, a saída da união, ou seja: a formação do Espírito da Terra.

Se não caminhamos ou trabalhamos para isso...

Estas trevas inferiores, de que procurávamos fugir, também podiam muito bem ser uma espécie de abismo aberto sobre o nada. A imperfeição, o pecado, o mal, a carne, eram, sobretudo, em sentido retrógrado, uma face voltada das coisas, que deixariam de existir para nós à medida que nos engolfaríamos em Deus. A Vossa redenção, Senhor, obriga-me a acreditar ainda mais. As potências do mal no universo não são só atração, desvio, sinal "menos", regresso aniquilante para a pluralidade (CHARDIN, T, 1970, p. 369).

O Mal, como vemos, retarda a união dos pensamentos, faz com que esta união se desvaneça. Pois esta união só poderá acontecer no amor. E fazendo do amor o cume e a força motora da evolução Teilhard se vê obrigado a tomar consciência da possibilidade de um desastre. Pois todo o amor é livre e dom voluntário. A vontade humana inclui sempre na terra a possibilidade de recusa. Nesse sentido a evolução se encontra ameaçada em seu êxito final. Ela produziu o homem e com ele a possibilidade de uma má escolha ocasionando um desastre. A possibilidade de sucesso da evolução que culminaria com

a convergência total de tudo em Cristo Ômega permanece fraca pela falibilidade do amor humano. "Interiormente a evolução não dá uma certeza última". "O êxito final da ascensão do mundo não pode ser garantido pelo mundo" (SMULDERS, P. p. 166-167).

Teilhard: a espiral criativa e a evolução do humano em direção ao Cristo

Primeiramente, Teilhard introduz a sua original afirmação de que vivemos num mundo evolutivo de estrutura convergente e esforça-se por determinar qual o lugar de Cristo dentro desta criação de estrutura evolutiva e convergente, pois num mundo concebido como estático não se poderia, de modo algum, determinar um lugar verdadeiramente central, onde se pudesse presenciar o Cristo. Mas nessa sua nova concepção do mundo ...

[...] pode-se, com efeito, determinar um ponto que domine toda a evolução cósmica, constituindo, o seu fim e o seu coroamento, e donde emana uma força de atração que confere ao processo evolutivo total o seu dinamismo interno e a sua orientação (CHARDIN, T. 1974, p. 231).

Cristo ocupa, segundo essa visão, o lugar central da evolução sendo o seu cume, está presente em todo o processo, desde a multiplicidade total da matéria até o desdobramento da Noosfera, que culminara no encontro de tudo em todos nEle, pois na verdade...

[...] O mundo adquire a sua unidade e coerência definitivas através de Cristo. O Ponto Ômega é, com efeito, o elemento que confere a toda a evolução cósmica a sua unidade definitiva: o ponto em que a pluralidade e reduzida à unidade, e para a qual convergem todos os fios da história. Tal função, na verdade, pode ser atribuída a Cristo. Ele é a pedra angular do plano divino no mundo (CHARDIN, T. apud CUENOT, C, p. 111).

Esse ponto não pode ser somente alguma coisa que acontecerá no futuro. Mas deve ser uma presença ativa a dinamizar e



promover a energia humana em todos os tempos para a sua direção. Isto não quer dizer que Ele não se encontra adiante, pois ponto Ômega é considerado, em primeiro lugar “o polo superior de acabamento e consolidação do processo evolutivo. E o cume da humanização, ou ainda o ponto natural de maturação do movimento de convergência conduzindo à unidade e à consciência” (CHARDIN, T. 1974, p. 56).

Uma qualidade não exclui a outra. Se por um lado Ômega é considerado como o cume, ou centro do universo, por outro é Ele mesmo que atrai a Evolução para si agindo criativamente no processo. O importante é notar que, ocupando o lugar de Ômega Cristo não permanece estático esperando que o mundo chegue até Ele. Ao contrário, ele age atrativamente na matéria e no homem para que tudo caminhe para a sua direção. Jesus Cristo afirma falando de si mesmo: "Eu sou o Alfa e o Ômega" (Ap 21.6). O Cristo, portanto, age das duas formas distintas, mas complementares. Como Alfa, no início, criando, centrando e unificando, e como Ômega atraindo e conduzindo à unidade.

Para sobreanimar e salvar, sem destruir, um universo formado por elementos pessoais, o ponto Ômega deve ser um centro especial e distinto, por si mesmo pre-existente, e supremamente pessoal. [...] Supremamente presente, supremamente pessoal, supremamente atraente, o ponto Ômega é, portanto, o Motor da Evolução, o seu começo e o seu fim (CHARDIN, T. 1974, p 33).

Assim a figura de Cristo que na teologia tradicional aparecia como uma intervenção um pouco fortuita entre uma criação num Edem distante e um fim do mundo apocalíptico, apresenta-se agora, aos espíritos cristãos iluminados pela Cosmogênese, como uma verdadeira imersão participativa na evolução, em determinado momento, para conduzir para um fim sobrenatural que ela não poderia atingir apenas pelas vias naturais.

(Cristo) pode ser considerado como o melhor

Vol. 13, Edição 20, Ano 2018.

presente que a criação ofereceu a Deus e ao mesmo tempo o maior presente de Deus aos homens: nele os caminhos do mundo se encontram com os caminhos de Deus e atinge uma culminância irreversível e a consecução da própria meta para a qual as forças da evolução trabalham (BOFF, L. 1972, p. 48).

Já vimos a ação de Ômega no interior da Evolução. Vamos agora, voltar os nossos olhos para a própria evolução e ver como ela caminha para o seu encontro com o ponto Ômega. Em primeiro lugar temos que afirmar que o universo está, necessariamente, se encaminhando para a sua convergência com o Ômega “para que o Universo se complete e a Ação empreendida chegue ao seu termo normal, o Universo, ha que admitir que vai a caminho de um encontro com Alguém, a quem se deseja unir (TRESMONTANT, C, p. 95).

O homem que é o mais perfeito produto da cosmogênese é chamado a colaborar com Deus na efetivação de uma obra que não pode terminar-se sem o seu concurso. Para isso precisa ele mesmo continuar ontologicamente o processo de evolução.

Estamos efetuando a descoberta de que "as faculdades naturais e sobrenaturalizáveis do homem se encontram ainda em pleno movimento, e, isto, provavelmente, durante alguns milhões de anos. Na verdade, ela encontra-se muito longe de estar plenamente criada: nem pelos valores individuais, nem sobretudo, em relação ao termo coletivo para o qual ela se dirige, em virtude do grande fenômeno da "convergência do Espírito" (CHARDIN, T. apud TRESMONTANT, C. 1965, p. 125).

A fé em Cristo constitui o incentivo mais poderoso para trabalhar com confiança na edificação do futuro. O amor cristão representa algo mais que uma gota de bálsamo sobre o sofrimento humano. E também a grande força que nos auxilia e nos impele no desejo de realizarmos integralmente a nossa existência humana. Constitui a verdadeira fonte de energia de que o homem necessita para levar até ao



fim a sua tarefa. A energia do amor e de grande importância para a construção do Espírito da Terra.

Só o amor, porque só ele prende e junta os seres pelo mais fundo deles mesmos, é capaz - e isto é um fato da experiência cotidiana - de completar os seres, enquanto seres, unindo-os [...] O amor universal: não só é ele uma coisa psicologicamente possível, mas é ainda a única maneira completa e final de podermos amar (CHARDIN, T. 1970, p. 292).

O amor se encontra justamente na unidade. Estas duas realidades são inseparáveis, pois onde há um haverá, necessariamente, o outro. Só chegaremos ao ponto Ômega quando a unificação for uma realidade. É o mistério do amor que pode unir as pessoas.

O ponto Ômega é, portanto, unicamente concebível como união de amor de todos os membros da humanidade. Só na medida em que é amor que ele promete o fim de toda a discórdia, realizar e aperfeiçoar todo ser há essência pessoal mais profunda. Estas duas promessas podem permitir ao Ômega cumprir sua função de coroamento da evolução querida e realizada pelo desenvolvimento pessoal e voluntário dos homens (SMULDERS, P. 1969, p. 127).

Cristo, ômega, no centro do átomo e da pessoa é que está efetuando essa tarefa de unir e centrar cada vez mais, para atingir formas mais elevadas de vida, Cristo age desde o feixe de átomos na molécula até à concentração dos homens numa comunidade universal - a realização do homem, ou o ponto Ômega sendo realidade. Levando cada um, homem e matéria, para uma maior união, que interioriza, individualiza e, assim, conduz para novas possibilidades: para uma última hominização e cristificação do cosmo. Destarte, o processo da evolução é visto como uma cristogênese, isto é, como um vir-a-ser em Cristo.

Conclusão

O grande mérito de Teilhard de

Chardin é mostrar que a concepção científica não deve ser vista como algo monstruoso capaz de destruir a doutrina cristã tradicional. Pelo contrário, deve ser vista como algo que pode fortalecer a fé, enriquecendo a visão do cristão. A reflexão filosófica aliada à fé pode "fazer ver" melhor a ação criadora de Deus na natureza.

Ele mesmo expressa o seu desejo de, através da ciência, a qual ele domina esplendidamente, tornar as palavras da fé cristã mais inteligíveis ao mundo científico de seu tempo.

Pensei no abismo que separa o mundo intelectual em que me encontrava (ambiente científico) e que cuja língua eu compreendia, e o mundo teológico romano, cujo idioma também me é conhecido. Após um primeiro choque com a ideia de que este pode e deve ser tão real como aquele, eu disse a mira mesmo que agora era eu talvez capaz, falando a primeira língua, de fazer-lhe exprimir legitimamente o que a outra guarda e repete nas suas palavras, tornadas ininteligíveis para muitos (CHARDIN, T. 1974, p. 194).

No entanto, ao tentar conciliar Ciência e Religião, ele coloca-se numa posição muito difícil e chega a não agradar nem a uma nem a outra. É considerado extremamente "científico" pelos eclesiásticos e extremamente "religioso" pelos cientistas pois não pode haver conciliação sem que ou ambas as partes tenham que ceder.

O que se percebe é uma rigidez no sentido de defender posições previamente cristalizadas e a desconsideração pela visão que o outro lado possa ter sobre o assunto. Nesse sentido, a proposta teilhardina de fazer uma leitura bíblica contextualizada e coerente jaz esquecida em bibliotecas teológicas sem, no entanto, despertar nos usuários a curiosidade de sua leitura. Também na academia, por incluir a teologia em sua visão geral da evolução, Teilhard não fez discípulos. Pelo contrário, encontrou focos de forte resistência ao seu trabalho (conf. LOPES, R. J.).

A leitura da reflexão teilhardina, no



entanto, permite ver uma coerência afinada entre a teologia da criação e a teoria da evolução. Não está Teilhard forçando o texto bíblico e fazendo com que ele se coadune com sua visão de mundo. Está fazendo uma leitura do texto sagrado a partir de sua larga carreira de paleontólogo que lhe permite ver o que nos passa despercebido. É absolutamente incrível sua percepção da ação de Cristo na história, fartamente demonstrada pela citação de textos bíblicos desde a origem conforme atesta o prólogo do Evangelho de João. Mais ainda, a percepção de que tudo converge para Cristo considerando a criação e a evolução como processo que se desdobra em direção ao ponto ômega.

Para Teilhard, há relação expressa entre o Cristo Encarnado, o Verbo preexistente e o Ponto Ômega (que reunirá em si toda a criação). Três faces da mesma pessoa que não devem ser vistas separadamente. Cristo é o Ponto Ômega, mas se encontra, em ação na história e não estático no fim do caminho evolutivo esperando que ele se realize nEle.

Em sua visão haverá mais um salto no processo evolutivo em que o ser humano ganharia nova dimensão superando o egoísmo e o individualismo para entender e mergulhar no ágape que o levaria a uma nova dimensão. Um salto comparado ao momento em que o pensamento surgiu na face da terra ou que o ser humano passou a caminhar em duas patas.

Pode-se fazer a leitura da obra teilhardina como um chamado à Igreja para manter o seu testemunho e a sua militância para buscar trazer as pessoas para este propósito crístico de convergir o mundo em sua pessoa. O homem de fé que pode "VER" uma salvação no futuro da humanidade, começa a trabalhar para a realização da história desde já. Saindo do individualismo em que se encontra, ele caminha e age para conseguir uma unidade cada vez mais perfeita no amor.

A Igreja insere-se no Mundo, desempenhando um importante papel no

Vol. 13, Edição 20, Ano 2018.

processo cósmico universal. A Igreja age como anunciadora da obra de Cristo, incorporando os que creem em seu seio, formando passo a passo uma comunidade maior onde a unidade no amor e mais densa. O movimento ecumênico parece ser uma das grandes obras para se alcançar a unidade entre as Igreja e, conseqüentemente, a construção de um mundo onde todos os homens participem de uma só comunidade de fé.

A obra de Teilhard, além de ser uma previsão de acontecimentos futuros, baseado na história cósmica, é uma mensagem ao homem de hoje para o engajamento de todos os seres na construção do Reino de Deus.

Referências:

ARCHANJO, J.L. **Teilhard de Chardin: Mundo, Homem e Deus**, São Paulo: Cultrix, 1978.

BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador. Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CETRULO NETO, F. **Sociabilidade e Sentimentos a serviço do comércio de mercadorias: o caso da AMWAY**. Doutorado em Ciências Sociais. Tese de doutoramento. UNESP – Araraquara. 1998.

CHARDIN, T. **O Fenómeno Humano**. Porto: Tavares Martins, 1970.

CHARDIN, T. **Ciência e Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974

COSTA. M.R.N; BRANDÃO, R.E. A teoria da criação segundo Santo Agostinho. **Ágora Filosófica**, Ano 7, n. 1, Universidade Católica de Pernambuco. Jan. a jun. 2007.

CUENOT, C. **Aventura e Visão de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Duas Cidades, 1966

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GIL, R. **Il pensiero economico moderno**.



Bologna: Il mulino, 1969.

GLORIA. P.J.T. Seria a teoria da evolução darwiniano domínio exclusivo dos biólogos? Implicações da evolução biológica para as ciências humanas. **Revista da Biologia**. V.3. Dezembro de 2009. Disponível em: www.ib.usp.br/revista/volumes. Consulta em 05.06.2017.

JERKOVIC, J. **Itinerário do Cosmo ao Omega**. Petrópolis: Vozes, 1968.

LOPES, R. J. **A fraude de Piltdown faz 50 anos**. FSP. Caderno de Ciência. 30.11.2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe3011200301.htm>>.

MANGUEIRA. H.A.E. **Em nome de adão. A necessidade do “caminho do meio” no ensino da evolução**. Série Monográfica de Ciência das Religiões. Coleção (Re) pensar religião. N. 05, 2013.

MARTINAZZO E. **Teilhard de Chardin, Ensaio de Leitura Crítica**, Petrópolis: Vozes, 1968.

NORIEGA. R. M. **A evolução de Darwin**. Porto: Universidade do Porto, sem data.

RIDEAU, É. **O pensamento de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Duas Cidades, 1965.

RODRIGUES CASO, J. M. **Las ideas de Teilharde Chardin: la fenomenologia de la evolución como processo transcendente**. Universidade Nacional Autonoma de Mexico. Curso de Biologia. Monografia, 2004.

SMULDERS, P. **A visão de Teilhard de Chardin**. Petrópolis: Vozes, 1969.

TRATHERN, P. **Darwin e a evolução em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TRESMONTANT, C. **Introdução ao Pensamento de Teilhard de Chardin**. Lisboa: Duas Cidades, 1965.